

Roma, 30 de Março de 2003

Caros Leitores de “A Verdadeira Vida em Deus”

A partir do ano 2000, tive a honra de estar em comunicação com Sua Eminência o Cardeal Joseph Ratzinger Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. No dia 6 de Julho de 2000, apresentei-lhe o humilde pedido de que os meus escritos fossem submetidos a um estudo mais amplo da mesma Congregação e que me fosse concedida a oportunidade de responder as reservas expressas pela Notificação de 6 de Outubro de 1995. Sua Eminência quis de bom grado conceder-me essa oportunidade e, pela mão do Padre Prospero Grech, enviou-me, no dia 4 de Abril de 2002, uma carta que contém cinco perguntas, às quais eu devia responder. As minhas respostas a essas perguntas foram então submetidas à Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, no dia 26 de Junho de 2002. O Cardeal Ratzinger pediu-me agora que publicasse as Perguntas com as minhas respostas, e eu sinto-me feliz por partilhá-las convosco, como expressão da minha posição oficial.

Peço que a publicação deste documento sirva de diálogo da verdade e do amor, tão importante, não apenas para o ecumenismo, mas também para tornar frutuosas, na Igreja, as graças de Deus.

Que Deus vos abençoe.

Vassula Rydín

Vassula

Collegio Sta Monica,
Rome

4 de Abril de 2002

Querida Senhora Ryden

No dia 6 de Julho de 2000, dirigiu uma carta a Sua Eminência o Cardeal Ratzinger a propósito da “**Notificação**” da Congregação para a Doutrina da Fé relacionada com os seus escritos. Sua Eminência tomou nota da sua carta e, com seus colaboradores, decidiu dar-lhe a oportunidade de esclarecer o sentido de algumas afirmações contidas nas suas publicações. Nesse sentido, eu fui delegado para a contactar pessoalmente, tanto em conversa como por escrito, a fim de que a Congregação possa ter uma idéia clara da interpretação exacta das suas afirmações. Desejaria que ficasse bem esclarecido logo de início que, não sendo Católica romana, a senhora não cai sob a jurisdição da Congregação, que a não censura pessoalmente. Todavia, pelo facto de que muitos Católicos seguem a **Verdadeira Vida em Deus**, também eles têm o direito de saber em que linhas se situam relativamente aos pontos de doutrina e de prática abordados nos vossos escritos. Temos também consciência das vossas obras de caridade, dos vossos esforços por levar todos os Cristãos à União com o bispo de Roma, da vossa grande devoção à Bem-Aventurada Virgem Maria, da vossa apresentação de Deus como Deus de Amor, mesmo aos não Cristãos, e do vosso antagonismo com o racionalismo e a corrupção entre os Cristãos. As suas obras mais recentes parecem também ter posto de lado algumas expressões ambíguas contidas nas suas primeiras obras. Apesar disso, ficar-lhe-ia muito reconhecido, se pudesse responder, o mais claramente possível, a algumas perguntas, para ajudar a Congregação a fazer uma idéia mais clara daquilo que a senhora faz.

1 - A senhora sabe muito bem que, tanto para os Católicos como para os Ortodoxos, não há senão uma única Revelação, a de Deus em Jesus Cristo, que está contida nas Sagradas Escrituras e na Tradição. Na Igreja Católica, mesmo as revelações "privadas", como em Lourdes e em Fátima, embora consideradas com toda a seriedade, não são matérias de fé. Por isso, neste sentido, a senhora considera os seus escritos como revelações? E como devem eles ser aceites pelos seus ouvintes e leitores?

2 - A senhora pertence à Igreja ortodoxa e exorta muitas vezes os sacerdotes e bispos desta fé a reconhecer o Papa e a fazer as pazes com a Igreja romana. Por isso mesmo, infelizmente, não é acolhida em certos países de própria confissão. Por que empreende a senhora esta missão? Qual é a sua idéia sobre o bispo de Roma e como prevê o futuro da união cristã? Lendo as suas obras, no entanto, tem-se por vezes a impressão de que se coloca acima das duas Igrejas, sem estar comprometida com alguma delas. Por exemplo, parece que a senhora recebe a Comunhão nas duas Igrejas, católica e ortodoxa; mas, no seu estatuto matrimonial, segue o costume da oikonomie. Como já lhe disse, estas observações não se entendem como uma censura pessoal, que não temos de modo algum o direito de julgar a sua consciência; mas compreende a nossa preocupação em ordem aos Católicos que a seguem e poderiam interpretar estas suas atitudes de uma forma relativista e ser assim tentados a desprezar a disciplina da sua própria Igreja.

3 - Nos seus primeiros escritos, como se observa na “Notificação”, há uma certa confusão de terminologia relativamente às Pessoas da Santíssima Trindade. Nós estamos certos de que a senhora subscreve os ensinamentos da sua Igreja. Pensa, porventura, que poderia ajudar-nos a esclarecer estas expressões?

Quando se trata de matérias de fé, não seria útil seguir a terminologia oficial dos catecismos correntes, para evitar a confusão nos espíritos dos leitores de A Verdadeira Vida em Deus?

4 - Há também algumas dificuldades relacionadas com a protologia e a escatologia. Em que sentido tem a alma uma “visão de Deus” antes de ser infundida no corpo? E como vê a senhora o lugar do Novo Pentecostes, na história da salvação, em relação com a parusia e a ressurreição dos mortos?

5 - Qual a identidade real do movimento de a Verdadeira Vida em Deus e que exige ele dos seus adeptos? Como está estruturado?

Querida senhora Ryden, sinto-me desolado por incomodá-la com estas perguntas e pode estar segura de que aprecio as suas boas obras e boas intenções. Todavia, em resposta à sua carta enviada ao Cardeal Ratzinger sentimos que era nossa missão esclarecer algumas ambiguidades nos seus escritos, que poderiam ter-vos escapado. Devemos isto mesmo aos seus leitores católicos, que poderiam ter de se haver com um conflito de consciência, seguindo os seus escritos. Por favor, escolha a melhor ocasião que se lhe propuser para responder. Seria preferível, que a senhora e eu pudéssemos encontrar-nos, para alguns esclarecimentos informais, antes que ponha qualquer coisa que seja por escrito. Reze para que o Espírito Santo a ilumine e consulte todos os directores espirituais ou teólogos com que possa contar. Estamos certos de que as nossas perguntas a irão ajudar também a compreender as profundas implicações dos seus escritos, de forma a torná-los ainda mais aceitáveis, tanto pelos Católicos como pelos Ortodoxos. Eu mesmo estarei pessoalmente à sua disposição para esclarecer o seu significado.

Sua Eminência dirige-lhe os seus cumprimentos e está confiante em que nos dará uma resposta satisfatória, de modo a facilitar a sua tarefa de se conformar com a petição da sua carta.

Sinceramente, sou em Cristo,



Padre Prospero Grech, OSA
Conselheiro da Congregação

Roma, 26 de Junho de 2002

Reverendíssimo Padre Próspero Grech,
Collegio Santa Mónica
Via Paolo VI, 25,
1- 00193 Roma

Caro Padre Próspero Grech:

Em primeiro lugar, desejaria agradecer-lhe o conceder-me a oportunidade de responder às perguntas que me faz, relacionadas com os meus escritos e as minhas actividades, perguntas expressas com todo o respeito na sua carta de 4 de Abril de 2002 e que repetem pontos de crítica contidos na "Notificação" de 1995.

Tenho plena consciência da missão e da responsabilidade consignadas à vossa santíssima Congregação de provar os espíritos (1 Jo 4,1). De certo modo, eu própria me dei conta, nestes anos, da complexidade de uma tal missão de discernimento e de quanto ela é delicada, pelo facto de eu mesma ter encontrado no meu caminho muita gente que se aproxima de mim, a pretender que tinham também experiências divinas que desejavam misturar com a minha. Por prudência e por razões de responsabilidade, impus-me a mim própria o princípio de não ter isso em conta. Por isso, aprecio a importância do seu trabalho de protecção dos fiéis contra todo o dano e de guardar a fé isenta de experiências não autênticas, como também de salvaguardar verdadeiros carismas de que a Igreja poderia beneficiar.

Estou-lhe também reconhecida por me dar a oportunidade de esclarecer e de tornar públicas algumas expressões que poderiam parecer pouco claras, pelo facto de serem escritas num estilo metafórico e poético ou simbólico.

Também eu tenho consciência de que o facto de falar a Cristãos católicos, enquanto sou greco-ortodoxa, não é nada habitual; mas em vez de ver nisso uma desordem, desejo humildemente que seja o meu pequeno contributo para a cura das divergências entre irmãos cristãos. E assim, vou responder o melhor que posso, com uma completa honestidade e lucidez, às perguntas que se dignou fazer-me, certa como estou também da sua generosidade, da sua boa vontade e da sua compreensão pelos meus limites ao exprimir todo o panorama contido nos doze volumes da obra intitulada **A Verdadeira Vida em Deus**.

1ª Pergunta: *Relação entre A Verdadeira Vida em Deus e a Revelação.*

“A senhora sabe muito bem que, tanto para os Católicos como para os Ortodoxos, não há senão uma única Revelação, a de Deus em Jesus Cristo, que está contida nas Sagradas Escrituras e na Tradição. Na Igreja Católica, mesmo as revelações “privadas”, como em Lourdes e em Fátima, embora consideradas com toda a seriedade, não são matérias de fé. Por isso, neste sentido, a senhora considera os seus escritos como revelações? E como devem eles ser aceites pelos seus ouvintes e leitores?”

Jamais me foram dadas lições de catecismo e muito menos de teologia e, no início do meu chamamento e da minha conversão, eu não conhecia nenhuma das particularidades teológicas, tais como as acima mencionadas. Estas diferenças foram-me ensinadas gradualmente, no decurso da suave conduta do Espírito Santo. Em todo o início deste chamamento, senti-me bastante desconcertada e bem depressa, durante a manifestação do meu Anjo, eis o que eu lhe disse: *“Mas eu não compreendo. Nós já temos a Bíblia: e por isso, por que razão teríamos agora necessidade de mensagens?”*. Meu Anjo respondeu: *“Deste modo, tens então a impressão de que tudo está dado na Bíblia?”*. Eu respondi: *“Sim, e é por isso que eu não vejo razão*

para tudo isso, não vejo nada de novo nisso". E então o Anjo diz: **"Deus quer que estas mensagens sejam dadas"**. Eu disse: **"E haverá uma razão especial para que seja eu?"**. O Anjo respondeu: **"Não. Deus ama-vos a todos. Estas mensagens são justamente um apelo feito para vos lembrar como começaram as vossas fundações"** (7.8.1986 - *O Meu Anjo Daniel*, pág. 70).

Um ministro protestante disse-me uma vez que não há razão alguma para que Deus queira falar-nos agora, que todos nós temos a Santa Bíblia. Desconcertada, eu disse a Cristo: **"Senhor há alguns ministros que se recusam a ouvir ou acreditar que Vós possais manifestar-Vos assim, através de mim. Eles dizem que Vós, Jesus, nos trouxestes toda a Verdade e que não têm necessidade de nada mais que a Santa Bíblia. Por outros termos, segundo eles, todas estas Obras são falsas"**. Eis a resposta de Cristo:

"Eu disse-vos a todos que o Consolador, o Espírito Santo que o Pai enviará em Meu Nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo aquilo que Eu vos disse (Jo 14,26). Não vos estou a dar qualquer nova doutrina: estou-vos apenas a recordar a Verdade, trazendo a Verdade completa todos aqueles que se desgarraram. Eu, o Senhor, despertar-vos-ei sempre com Apelos e o Meu Espírito Santo, o Advogado, estará sempre no meio de vós como o Apelo da Minha Palavra: por isso, não vos admireis, quando o Meu Espírito vos fala. Estes Apelos são distribuídos pela Minha Graça, a fim de vos converter e vos fazer lembrar as Minhas Vias" (20.12.1988 - *II vol* págs. 344-345).

Numa outra passagem, anos mais tarde, nosso Senhor pediu-me que escrevesse o seguinte:

"Todas estas mensagens vêm do alto e são inspiradas por`Mim. Podem ser utilizadas com proveito para o ensino e para refutar o erro. Podem ser utilizadas para guiar a Igreja para a União e para orientar a vida das pessoas e para as ensinar a ser santas. São-te dadas para uma explicação ¹ da Revelação ² que vos foi dada. São uma fonte inesgotável de uma graça espantosa para todos vós, a fim de vos renovar" (30.7.1999 - *XI vol.*, p. 135).

Eu creio que não há senão uma única Revelação e jamais disse o contrário, como tão pouco vós o não encontrareis nos escritos. Eu não espero que os leitores de **A Verdadeira Vida em Deus** considerem as mensagens como mais importantes que a Sagrada Escritura e estou certa de que nada nos livros de **A Verdadeira Vida em Deus** pode levar os que me ouvem ou me lêem, a pensar diferentemente. De facto, no meu testemunho, eu cito continuamente muitas passagens da Escritura, muitas vezes mesmo mais que as próprias mensagens. Nas mensagens, há uma clara e contínua insistência em se concentrar na Santa Bíblia e em viver pela sua verdade. Os escritos são uma actualização e uma lembrança da única Revelação em Cristo, contida na Escritura e na Tradição, transmitida pela Igreja; eles não são mais que um apelo a esta revelação. De facto, estes escritos jamais levaram os leitores a colocá-los acima da Escritura, mas os testemunhos mostram que eles mesmos os ajudaram a melhor compreender a Palavra de Deus. No entanto, sabemos que Deus pode lembrar-nos a Sua Santa Palavra, quando Ele Mesmo o considere necessário para benefício da Igreja. Os favores deste gênero, porque são favores, iluminam ou tornam manifesta uma verdade já conhecida, dando-lhe uma melhor compreensão.

Poderíamos então perguntar-nos: por que razão Deus chamou alguém tão limitado e indigno, inteiramente ignorante em matérias da Igreja e não mostrando qualquer interesse que fosse por ela, alguém que jamais teve aspirações por Deus, para assim receber um **"apelo da Sua Palavra"**? Acaso não serão os sacerdotes e os teólogos chamados a fazer justamente a mesma coisa? Sim, eu creio que o são e jamais tive de qualquer forma a intenção de fazer concorrência aos sacerdotes e teólogos, que Deus chamou a desempenhar a sua missão; no entanto, creio verdadeiramente que Deus me chamou de uma forma inesperada, por um acto directo da Sua parte.

Tomei recentemente conhecimento de que o Segundo Concílio do Vaticano sublinhou quanto é importante que os leigos contribuam para propagar a Boa Nova através dos variados dons que Deus concede à Sua Igreja. Na *Lumen Gentium*, o Concílio declara com toda a clareza que os leigos participam no múnus

profético de Cristo e que Cristo *“cumpre o Seu múnus profético até à plena manifestação da glória, não apenas por meio da Hierarquia, que ensina em Seu nome e com o Seu poder, mas também por meio dos leigos, a quem nomeia Suas testemunhas e a quem dá o sentido da fé (sensus fidei) e a graça da palavra...”* (LG 35). Por isso, cada pessoa leiga tem um papel a desempenhar neste serviço do Evangelho, segundo o carisma que Deus lhe deu, e através dos Seus dons, cada um é de imediato a testemunha e o instrumento vivo da missão da própria Igreja *“segundo a medida daquilo que lhe é concedido por Cristo”*.

Na maior parte das obras clássicas da teologia fundamental católica, há uma distinção entre a **Revelação** como conceito de reflexão (**Revelação** com um R maiúsculo) e **revelação** como conceito de experiência (**revelação** com um r minúsculo, muitas vezes **revelações**, no plural). Quando eu falo da minha humilde experiência como *“revelação”*, falo de revelação com um r minúsculo, sob o ponto de vista experimental.

Não falo da minha experiência como revelação sob um ponto de vista doutrinal, querendo de certo modo competir com a Revelação. Tal como outras *“revelações privadas”* ou *“revelações proféticas”*, a minha obra não acrescenta nada ao Depósito da Fé. Pelo contrário, o apelo que Deus me tem dirigido visa indicar a plenitude da verdade do Depósito da Fé, para nele entrar mais plenamente e viver pela sua verdade.

A Constituição *Dei Verbum* do Segundo Concílio do Vaticano estabeleceu claramente que a Revelação Pública está completa e perfeita e que *“não mais se deve esperar nova revelação pública antes da gloriosa manifestação, de Nosso Senhor Jesus Cristo”* (DV 4). Além disso, *Dei Verbum* estabelece também claramente que o povo de Deus tem constante necessidade de aprofundar as apreciações desta verdade: *“Esta tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo: com efeito, tanto a compreensão das coisas como das palavras transmitidas, cresce, quer pela reflexão e estado dos crentes, que as meditam no seu coração (Lc 2,19 e 51) quer pela inteligência íntima que experimentam das coisas espirituais, quer pela pregação daqueles que, com a sucessão do Episcopado, receberam um carisma seguro da verdade. Isto é, a Igreja, no decorrer dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se cumpram as palavras de Deus”* (DV 8).

Sua Eminência o Cardeal Joseph Ratzinger disse bem explicitamente, sobre a relação entre a profecia cristã e a revelação, que a tese segundo a qual a profecia deveria terminar com a contemplação da Revelação em Cristo encerra mal-entendidos. A sua posição foi pronunciada numa entrevista sobre a profecia cristã e, uma vez mais, num comentário sobre a divulgação do terceiro segredo de Fátima. Permita-se-me que o cite directamente da sua entrevista:

“A Revelação, e essencialmente Deus que Se dá a nós, que constrói conosco a história, que nos reuniu e continua a reunir a todos. É o acontecimento de um encontro, que possui também em si uma dimensão de comunicação e uma estrutura cognoscitiva. Isso, compreendido no seu justo sentido, significa que a Revelação atingiu o seu fim com Cristo, porque, segundo a bela expressão de São João da Cruz, quando Deus falou pessoalmente, não há nada mais a acrescentar Não pode dizer-se nada mais que o Logos. Este está no meio de nós de uma forma completa e Deus não pode dar-nos nem dizer-nos algo de maior que Ele Mesmo. Mas, justamente, esta totalidade do dom de Si de Deus - isto é, que Ele, o Logos, está presente na carne - significa também que nós devemos continuar a penetrar este Mistério. E isso está ligado à estrutura da esperança. A vinda de Cristo e o início de um conhecimento cada vez mais profundo e de uma descoberta progressiva daquilo que é dado no Logos. Deste modo, é um novo meio de introduzir o homem na verdade completa que se oferece, como diz Jesus no Evangelho de João, quando Ele fala da descida do Espírito Santo. Eu considero que a cristologia pneumática do discurso pelo qual Jesus Se despede é muito importante para este nosso assunto: com efeito, Cristo explica que a Sua vinda na carne não é senão um primeiro passo.

A vinda efectiva realiza-se na medida em que Cristo não mais está ligado a um lugar ou a um corpo limitado localmente, mas vem em Espírito, ao nosso meio, como Ressuscitado e age de forma a que a entrada na verdade adquira cada vez mais profundidade. Pessoalmente, parece-me claro que - precisamente quando esta cristologia pneumática determina o tempo da Igreja, isto é, o tempo em que Cristo vem a nós

em Espírito - o elemento profético, como elemento de esperança e de memória não pode naturalmente estar ausente nem desaparecer" (30 Dias, na Igreja e no mundo, Janeiro de 1999, pp. 67-68).

Do mesmo modo, de forma alguma eu pretendo para os meus escritos um estatuto ou uma autoridade que se aproxime ou pareça sequer com a Sagrada Escritura. A Santa Bíblia é inspirada de uma forma infalível. Eu creio humildemente que o Senhor me tocou por uma acção directa na minha alma, para fazer caminho com Ele, ajudando-me quando sou chamada a escrever, mas isso não é uma inspiração no mesmo sentido que a Bíblia, e o resultado não é a infalibilidade. Mas isto não significa tão pouco que deveria haver erros doutrinários nos meus escritos; estou certa de que os não há.

No seu livro *Je veux voir Dieu (Eu quero ver Deus)*, o Padre Maria Eugênio lembra-nos como Deus Se pode adaptar à alma: *"Esta acção directa de Deus, fundando-se assim no humano de que Ele Mesmo Se serve, adapta-se maravilhosamente às condições da vida psicológica da alma. Esta adaptação de Deus deve ser sublinhada como um carácter importante das Suas intervenções. Deus, que consente em falar a linguagem dos sinais humanos, para nos dar a Sua luz, leva a condescendência ao ponto de Se adaptar aos nossos temperamentos e às nossas necessidades particulares na escolha destes sinais para nos atingir mais seguramente. Ao mesmo tempo que conservou a Sua pureza e a Sua simplicidade, falará a linguagem dos sinais exteriores e brilhantes que a fará vibrar, para a fé, que o racionalista tornou prudente e crítica, Ele Mesmo terá uma linguagem mais intelectual"*³.

O Cardeal Ratzinger disse que *"é necessário não esquecer que, mesmo num místico oficialmente reconhecido e autenticado, as palavras e as imagens inspiradas por Deus, no momento da revelação, dependem sempre das possibilidades de uma alma e formam-se segundo as suas limitadas capacidades"*.

Deste modo, eu vivi a experiência da Palavra de Deus sem esforço, por outros termos, sem de qualquer forma me violentar; uma tal experiência não faz senão vir. E recebo estas comunicações (*palavras interiores*) sob duas formas. Tenha a bondade de notar neste momento que eu não quero dizer de forma alguma que eu conheço perfeitamente bem como exprimir este fenómeno e como Deus pode fazer tais coisas, mas a explicação que segue é a melhor que eu poderei dar:

1 - Pela intervenção de palavras interiores, isto é, locuções internas. As palavras que eu percebo são substanciais, muito mais claras do que se eu mesma as ouvisse com os meus ouvidos. Uma só palavra pode conter um mundo de significados tais que a compreensão em si não pode nunca traduzir-se rapidamente em linguagem humana. As palavras ou instruções divinas dadas para me instruir não são dadas à maneira de um ensinamento escolar que, talvez por se tratar de tempo limitado, pode não ser inteiramente explicado de uma só vez ou pode ser esquecido por causa da fragilidade humana, ou mesmo não compreendido inteiramente. Pelo contrário, as palavras ou instruções divinas são dadas num tal lapso de tempo e gravadas no espírito de uma tal forma que se torna difícil esquecê-las. A luz que elas espalham é tão vasta como uma brilhante luz que brilha por toda a parte, dando-nos instantaneamente uma riqueza de conhecimento mais extensa que a simples palavra em si mesma. A palavra dada é como um largo rio que se reparte noutras ribeiras que vos levam para toda a parte e em diferentes direcções, mas que vêm sempre do único rio. Todo o ensinamento normal, numa escola, teria exigido da minha parte meses para aprender. Quando vivo uma tão forte experiência das palavras, eu sinto-me tão consciente, que a forma escrita e a forma como eu deveria exprimir as palavras dependem sempre das minhas limitadas capacidades de linguagem e de expressão.

2 - O segundo modo como recebo as palavras de Deus é por uma luz de compreensão no meu entendimento, sem que seja pronunciada a palavra. É como se Deus transmitisse o Seu pensamento ao meu. Eu sei imediatamente o que Deus quer ou desejaria dizer. Então, eu devo escrever esta *"mensagem não expressa"* o melhor que eu posso, escolhendo as minhas próprias palavras. Mais tarde, aqui, em Roma, foi-me dito que aconteceu a Santa Brígida da Suécia escrever mensagens de forma semelhante. Por que razão o Senhor escolheu esta forma especial de escrever as mensagens, tomando Ele Mesmo conta da minha mão? Não sei, realmente, Quando eu Lhe perguntei porquê, o Senhor disse-me simplesmente: **"porque este modo Me agrada"**. Por isso, não sei como isso acontece. Desejaria sublinhar no entanto que teólogos

igualmente peritos em grafologia e que têm examinado os meus escritos, os classificaram de ‘hieráticos’, descrevendo simultaneamente muitas diferenças fundamentais entre o modo como eu escrevo e a chamada escrita automática. Mais tarde, soube que místicos conhecidos, como Santa Teresa de Ávila, viveram a experiência de arrebatamento do seu corpo ou, por vezes, de uma parte do seu corpo. Creio que se trata de uma forma mitigada de arrebatamento da minha mão e tenho confiança de que o Senhor terá com isto mesmo os Seus desígnios particulares.

2ª Pergunta: *A minha relação, como cristã ortodoxa, com a Igreja católica romana.*

“A senhora pertence à Igreja ortodoxa e exorta muitas vezes os sacerdotes e bispos desta fé a reconhecer o Papa e a fazer as pazes com a Igreja romana. Por isso mesmo, infelizmente, não é acolhida em certos países de própria confissão. Por que empreende a senhora esta missão? Qual é a sua idéia sobre o bispo de Roma e como prevê o futuro da união cristã? Lendo as suas obras, no entanto, tem-se por vezes a impressão de que se coloca acima das duas Igrejas, sem estar comprometida com alguma delas. Por exemplo, parece que a senhora recebe a Comunhão nas duas Igrejas, católica e ortodoxa; mas, no seu estatuto matrimonial, segue o costume da oikonomea. Como já lhe disse, estas observações não se entendem como uma censura pessoal, que não temos de modo algum o direito de julgar a sua consciência; mas compreende a nossa preocupação em ordem aos Católicos que a seguem e poderiam interpretar estas suas atitudes de uma forma relativista e ser assim tentados a desprezar a disciplina da sua própria Igreja.”

Motivação para empreender esta obra da União

Não creio que teria alguma vez tido a coragem ou zelo de fazer face à ortodoxia, para os levar a compreender a reconciliação que o Senhor deseja deles, se não tivesse vivido a experiência da Presença de nosso Senhor, e tão pouco teria suportado as oposições, as críticas e as perseguições que eles me têm feito sofrer. No início da intervenção de Deus, eu sentia-me totalmente desconcertada e tinha medo de ser enganada. Esta incerteza foi realmente a maior cruz porque, em toda a minha vida, eu jamais tinha ouvido dizer que, neste nosso tempo, Deus poderia falar a pessoas e não conhecia ninguém a quem pudesse interrogar a este respeito. E por isso mesmo, eu tentei rejeitar esta manifestação; mas a *experiência* não me deixava e, mais tarde, lentamente, com o tempo, comecei a sentir-me tranquila e a ter confiança de que tudo isso era unicamente obra de Deus, porque comecei a ver nisso a Mão de Deus. E foi por isso que eu deixei de ter medo perante as oposições e críticas e tive uma total confiança em nosso Senhor, sabendo que, onde eu faltasse, Ele Mesmo tudo faria, apesar da minha insuficiência, e a Sua obra se realizaria sempre de uma forma gloriosa.

Aproximar-me dos sacerdotes, monjes e bispos ortodoxos, para que eles reconhecessem o Papa e para que se reconciassem sinceramente com a Igreja romana, não é tarefa lá muito fácil, como o diz nosso Senhor numa das Suas mensagens; é como tentar remar na direcção oposta de uma poderosa corrente; mas depois de ter visto quanto nosso Senhor sofre com a nossa divisão, não podia recusar a nosso Senhor o Seu pedido, quando me pediu que levasse esta cruz. Por isso, eu aceitei esta missão, não sem ter no entanto passado (*e passo sempre*) por um sem número de fogos.

O senhor perguntou-me: *“Porque empreende a senhora esta missão?”* A minha resposta é: porque fui chamada por Deus, segundo eu acreditei, e respondi-Lhe; por isso, quero fazer a Vontade de Deus. Uma das primeiras palavras de Cristo foi: **“Que casa é mais importante, a tua casa ou a Minha Casa?”** Eu respondi: *“a Vossa Casa, Senhor.”* E Ele disse: **“Reaviva a Minha Casa, embeleza a Minha Casa e une-a”**.

Alguns, na hierarquia greco-ortodoxa, rejeitam-me totalmente, primeiro, porque me não acreditam⁴; em segundo lugar, porque sou uma mulher; e em terceiro lugar, porque uma mulher não deve falar. Alguns dos monges desconfiam de mim, dizendo que sou provavelmente um cavalo de Tróia enviado e pago pelo Papa, ou mesmo que sou uma Uniata. Muitos não querem ouvir falar de reconciliação nem de ecumenismo. Consideram que eu cometo uma heresia, se rezo com os Católicos romanos. É isso que eles consideram

como colocar-se acima das Igrejas, sem estar comprometida com uma delas. Eu estou plena e completamente comprometida na Minha Igreja, mas não é uma heresia nem um pecado viver de uma forma ecuménica, rezando com outros Cristãos, para promover a União. Entretanto, segundo nosso Senhor nos escritos, a chave da União é a humildade e o amor. Contudo, muitas das Igrejas não têm esta chave. Muitos greco-ortodoxos, leigos, mas também simples sacerdotes de bairro, e até monges de mosteiros afastados, qualificam a Igreja católica romana de herética e de perigosa; ensina-se-lhes a acreditar nisso, desde o seu nascimento; ora isso é falso. Sim, eu creio que, na sua rigidez, podem mudar através de uma metanóia e pelo poder do Espírito Santo que os fará dobrar, e pelas orações dos fiéis. Nas nossas reuniões, pedimos sempre a Deus esta mudança dos corações.

Apesar disso, não se trata de dizer que sejam só eles a precisar de se dobrar. Cada um deve dobrar pela humildade e pelo amor. As gentes de cada Igreja devem estar desejosas de morrer para o seu ego e para a sua rigidez e, então, através deste acto de humildade e de obediência à Verdade, a Presença de Cristo resplandecerá neles. Eu creio que, através deste acto de humildade, as falhas passadas e presentes das Igrejas serão afastadas e a união será realizada. Jamais perdi a esperança de me aproximar dos Ortodoxos, e é por isso mesmo que eu continuo sempre a virar-me para eles, a fim de lhes dar o meu testemunho. E o meu testemunho é-lhes dado, lembrando-lhes estas palavras de nosso Senhor: **“Para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste”** (Jo 17,21). Deste modo, apesar dos obstáculos, alguns grupos de oração ecuménicos se formaram em Atenas e em Rodes, incluindo sacerdotes ortodoxos. Todos estes grupos de oração começaram por rezar o Rosário e, depois, outras orações. Apesar disso, eu não tenho recebido apenas recusas por parte da hierarquia ortodoxa, mas nosso Senhor tem-me dado um bom número de amigos, entre o clero ortodoxo grego.

O bispo de Roma

Nosso Senhor deu-me uma visão interior de três barras de ferro - símbolo dos três principais corpos cristãos, os Cristãos católicos, ortodoxos e protestantes - convidando as suas cabeças a dobrar-se, a fim de que se reencontrem. Mas, para se reencontrar, elas têm necessidade de se dobrar. Esta passagem fala da atitude que é necessária para chegar à União a que aspira o Senhor, desde a Sua própria oração a Seu Pai: **“que todos sejam um”**. Esta passagem não pretende falar da União a um nível ontológico, desejando que não haja diferenças a tal ponto, que os diferentes grupos cristãos têm defendido a verdade que Cristo conferiu à Sua Igreja. E não é verdade que eu pretenda que este apelo à humildade entre os irmãos cristãos deva implicar uma aproximação pan-cristã da União e que esta União deva ser promovida através de uma comercialização da verdade (*como um comerciante, vendedor ou comprador*), que leva a um nivelamento e a um relativismo da verdade. Pelo contrário, muitas vezes tenho falado da importância de se manter fiel à verdade e mesmo mais que o meu discurso, a própria mensagem não é nada mais que um contínuo apelo a viver pela verdade do Evangelho na única Revelação de Cristo, como acima fica expressa. Os escritos contêm muitas advertências ou sobreavisos contra a atitude contrária, a ponto de descrever um *“falso ecumenismo”* como um cavalo de Tróia para introduzir uma imagem de Cristo sem vida:

"Essa figura pintalgada de cores extravagantes, a imagem que esses vendilhões tentam fazer-vos venerar e seguir, não sou Eu: É uma invenção da habilidade humana pervertida, para degradar o conceito da Minha Santidade e da Minha Divindade; é um falso ecumenismo; e um desafio a tudo o que é santo. Eu sofro com os pecados destes vendilhões"
(22.10.1990 - IV vol. p. 78).

Muitas mensagens sobre a União conservam simultaneamente estes dois aspectos vitais do ecumenismo: a atitude espiritual que implica humildade e amor para com os outros Cristãos e a procura sem compromisso da verdade de Cristo. Encontra-se um exemplo disto mesmo numa passagem em que a Virgem Maria fala das estruturas da União:

“O Reino de Deus não é feito apenas de palavras dos lábios. O Reino de Deus é Amor, Paz, União e Fé, nos corações; e é isso a Igreja do Senhor, unida a Uma Só, no íntimo dos vossos corações. As chaves da União são o Amor e a Humildade. Jesus nunca vos induziu a dividir-vos; essa divisão, na Sua Igreja, não era Seu desejo” (23.9.1991 - IV vol., p. 285).

Um pouco mais adiante, na mesma mensagem, Jesus fala da verdade: **“Defende sempre a Verdade até a morte; de vez em quando, tu serás criticada estupidamente, mas serei Eu Mesmo a permiti-lo, apenas o tempo suficiente para que a tua alma se mantenha pura e dócil”** (tema reiterado em 5.6.1992; 25.9.1997, 22.6.1998, etc.).

Eu tenho tido diferentes encontros com o clero católico, nos Estados Unidos, na, Holanda e particularmente na Suíça, onde por norma se é muito liberal e muito orientado contra o Papa. Tantas vezes me foi necessário tomar a defesa da Cadeira de Pedro e explicar-lha da melhor forma que pude, através de poderosas mensagens que vieram de Cristo, mostrando-lhes quanto os seus espíritos estavam confusos. Por fim, muitos desses sacerdotes vieram dizer-me como tinham apreciado estes esclarecimentos. No entanto, não faltaram alguns que não estavam de acordo, dizendo-me que era mais católica que os próprios Católicos... Embora haja muitas passagens sobre a União, que se referem à união entre as Igrejas, há também um bom número delas que são particularmente escritas para os muitos sacerdotes católicos que se revoltam contra o Papa, a fim de os levar à fidelidade a este último. Eis um exemplo delas:

"Eu, o Senhor, não quero divisão alguma, na Minha Igreja. Por Meu amor, unir-vos-eis e, sob o Meu Nome, vós amar-Me-eis. Segui-Me e sede Minhas testemunhas. Amar-vos-eis uns aos outros, como Eu vos amo. Unir-vos-eis e sereis um só rebanho e um so Pastor ⁵. Como todos vós sabeis, escolhi Pedro, dando-lhe a autoridade. Como todos vós sabeis, Eu Mesmo lhe dei as Chaves do Reino dos Céus. Pedi a Pedro que alimentasse os Meus cordeiros e as Minhas ovelhas e que cuidasse deles ⁶. Esta autoridade foi dada por Mim. Eu não desejei que alterásseis a Minha Vontade" (19.3.1988, II vol., p. 154).

Uma outra mensagem, falando do futuro da União, aborda o assunto ainda mais claramente:

“Porei, então, nas mãos de Pedro, um ceptro de ferro, com o qual guardara as Minhas ovelhas. E, quanto àqueles que não sabem e se interrogam ainda: “Mas para que devemos nós ter um guia?”, Eu Mesmo vos direi isto: “Alguma vez ouvistes falar de um rebanho sem pastor?” Eu sou o vosso Divino Pastor e escolhi Pedro para guardar os Meus cordeiros até ao Meu Regresso; dei-lhe a responsabilidade. Para que, pois, todas essas disputas? Para que, todas essas fúteis discussões? E aqueles que não conhecem ainda as Minhas Palavras, digo que as leiam nas Escrituras, que elas estão no testemunho de João, Meu Discípulo ⁷. Eu, pois, unirei a Minha Igreja e rodear-vos-ei com os Meus Braços, num só rebanho porque, actualmente, vós estais todos dispersos pelo proliferar de tantas comunidades, em grupos divididos. O Meu Corpo, tende-lo vós próprios lacerado e isso NÃO PODE SER! Eu vou unir-vos a todos” (16.5.1988 - II vol., págs. 210-211).

Outras mensagens falam do Papa como o Vigário de Cristo ou o Vigário da Igreja. Eis um exemplo delas:

“Rezai por toda a Igreja; sede o incenso da Minha Igreja; e, com isto, quero dizer que rezeis por todos aqueles que proclamam a minha Palavra, pelo Vigário que Me representa, pelos apóstolos e profetas dos vossos dias, pelas almas sacerdotais e religiosas, pelo leigos, para que todos estejam dispostos a compreender que todos quantos Eu citei fazem parte de Um só Corpo: o Meu Corpo” (10.1.1990 - III vol., p. 243; outras referências: 1.6.1989; 2.3.1990; 10.10.1990; 18.3.1991; 20.4.1993; 20.12.1993; 15.4.1996; 22.10.1996; 20.12.1996).

Os escritos não contêm nenhuma menção do papel de Pedro em relação com as missões das diferentes sedes patriarcais, o que faz com que eu não possa falar disso mesmo. Mas sei que o próprio Papa, na sua encíclica *“Ut unum sint”* abre a discussão no teor seguinte: ***“Todavia, é significativo e encorajador que a questão do primado do Bispo de Roma se tenha tornado actualmente objecto de estudo, imediato ou em perspectiva, e igualmente significativo e encorajador é que uma tal questão esteja presente como tema essencial, não apenas nos diálogos teológicos que a Igreja Católica mantém com as outras Igrejas e Comunidades eclesiais, mas também de um modo mais genérico no conjunto do movimento ecuménico. Recentemente, os participantes na V Assembléia Mundial da Comissão “Fé e Constituição” do Conselho Ecuménico das Igrejas, realizada em Santiago de Compostela, recomendaram que ela “desse início a um novo estudo sobre a questão de um ministério universal da unidade cristã”. Após séculos de duras polémicas, as outras Igrejas e Comunidades eclesiais cada vez mais perscrutam com um novo olhar tal ministério de unidade”*** (*Ut unum sint* 89).

A mesma encíclica confirma a necessidade de reunir o Oriente e o Ocidente:

“Nesta perspecti va a Igreja Católica nada mais deseja senão a plena comunhão entre Oriente e Ocidente. Para isso, inspira-se na experiência do primeiro milênio. Nesse período, de facto, “o desenvolvimento de diferentes experiências de vida eclesial não impedia que, mediante relações recíprocas, os cristãos pudessem continuar a saborear a certeza de estarem na sua própria casa em qualquer Igreja, porque de todas se elevava, numa admirável variedade de línguas e entoações, o louvor do único Pai, por Cristo, no Espírito Santo; todas se reuniam para celebrar a Eucaristia, coração e modelo da comunidade, não só pelo que diz respeito à espiritualidade ou à vida moral, mas também para a própria estrutura da Igreja, na variedade dos ministérios e dos serviços, sob a presidência do Bispo, sucessor dos Apóstolos. Os primeiros Concílios são um testemunho eloquente desta constante unidade na diversidade”⁸.

Embora os escritos não falem dos domínios estruturais relacionados com o Oriente e o Ocidente, encontram-se neles muitas menções da importância da Igreja do Oriente. A par disso, o sublinhado, sem compromisso da importância do papel de Pedro, nas mensagens mais recentes, vai a par da idéia de que um renascimento espiritual poderia muitíssimo bem ser inspirado pela Igreja do Oriente. A partir de então, passa a ser ainda mais evidente que Cristo tem necessidade de respirar pelos Seus dois pulmões - que são as presenças orientais e ocidentais da Igreja:

“Casa do Ocidente, tu tens verificado, através da luz do Meu Espírito, que um corpo tem necessidade dos seus dois pulmões para respirar livremente e que o Meu Corpo continua imperfeito com um só pulmão. Roga que o Meu Espírito vivificador vos reúna a ambas, mas quanto terei Eu ainda de sofrer, antes!”⁹ (27.11.1996 - IX vol., p. 128).

Outra passagem semelhante:

“ ... Reza para que a casa de Leste e a do Oeste se unam juntamente, como duas mãos que se unem em oração, como um par de mãos, semelhantes, e cheias de beleza sempre que se unem, dirigidas para o Céu, quando estão em oração. Que essas duas mãos, pertencentes ao mesmo corpo, se abram juntamente e partilhem a sua capacidade e os seus recursos uma com a outra... Que juntas, essas duas mãos Me elevem” (15.6.1995 – VIII vol., p. 49).

Uma outra mensagem fala do papel do oriente para reconduzir juntamente as duas casas, unindo o Corpo de Cristo:

“Escuta e escreve: “A Glória brilhará da margem do Leste. É por isso que Eu digo a Casa do Ocidente: Virai os vossos olhos para o Leste. Não choreis amargamente sobre a apostasia e a destruição da vossa casa. Não entreis em pânico, porque amanhã comereis e bebereis, juntos, com o Meu rebento da margem Leste: o Meu Espírito unir-vos-á. Não ouvistes que o Oriente

(Leste) e o Ocidente formarão um só Reino? Não ouvistes que Eu Mesmo lhes estabeleci uma data?” ¹⁰.

“Vou estender a Minha Mão e gravar num bastão as palavras: margem ocidental, casa de Pedro e de todos aqueles que lhe são fiéis. Depois, num outro bastão, gravarei: margem oriental (Leste) casa de Paulo e de todos os que lhe são fiéis; e, quando os membros das duas casas disserem: ‘Senhor, dizei -nos o que desejais, agora’, Eu Próprio lhes direi: ‘Tomarei o bastão em que gravei o nome de Paulo, juntamente com todos os que lhe são fiéis e colocarei o bastão de Pedro, com todos os que lhe são fiéis e uni-los-ei. Dos dois, Eu Mesmo farei um só bastão e segurá-los-ei num só. Eu juntá-los-ei com o Meu Novo Nome. Esta será a ponte entre o Ocidente e o Leste. O Meu Santo Nome unirá a ponte. Então, vós mesmos fareis permuta daquilo que possuíis, através desta ponte. Eles não mais agirão sós, mas juntos; e Eu reinarei sobre todos eles”.

Aquilo que Eu planejei acontecerá e, se os homens te disserem, Minha filha, que estes sinais não vêm de Mim, diz-lhes: ‘Não tendes medo. Não ouvistes dizer que Ele é o Santuário e também a Pedra de escândalo? O Rochedo que pode demolir as duas casas, mas voltar a erguê-las n’Uma Só Casa?’” (24.10.1994 - VII vol., págs. 134 a 136).

De novo, esta mensagem nada nos diz a respeito do papel da autoridade de Pedro, mas sublinha a importância de reunir as partes oriental e ocidental do Corpo de Cristo, a fim de que o mundo possa acreditar.

O futuro da Unidade Cristã

Embora a mensagem confirme o primado de Pedro, bispo de Roma, conhecido, tanto na tradição oriental como na ocidental, ela não fala das questões de jurisdição. Eu creio que não fui chamada a exprimir-me a este respeito; por isso, abstenho-me de o fazer, de qualquer forma que seja.

O meu apelo, ao inspirar a construção da União e ao reforçar as suas estruturas internas, tem por fim confirmar a importância do Papa e fazer a defesa da sua Cátedra, face a todos quantos tendem a desobedecer-lhe e a revoltar-se contra ele. O meu primeiro apontamento da União é o da União pela espiritualidade. A mensagem é um apelo à União, simultaneamente *intra nos* e *extra nos* - um apelo a reforçar as dinâmicas da União, tanto no seio das Igrejas particulares como entre si.

Eu não sei com que se irão parecer as futuras estruturas da Igreja unificada, pelo facto de o próprio Senhor não ter falado disso, como tão pouco me favoreceu com qualquer luz a esse respeito; mas creio que a União virá através da espiritualidade; e creio que me foi concedido um ante-gosto da graça desta futura União, nos momentos das muitas reuniões ecuménicas já vividas.

Em Março de 2000, por exemplo, o Senhor permitiu aos nossos grupos de oração que se reunissem, na Sua própria cidade natal, Belém, 450 pessoas que vieram de todas as partes do mundo, sim, com a participação de mais de 55 países e de 12 Igrejas diferentes, numa reunião internacional de oração pela paz e pela União. Estávamos reunidos como numa única família. Estavam connosco 75 membros do clero de 12 Igrejas diferentes, assim como membros do clero da Terra Santa que, tendo ouvido falar desta reunião de oração, igualmente se juntaram a nós. Este acontecimento ecuménico era coordenado por vários Israelitas e Palestínianos, que ficaram verdadeiramente impressionados com os escritos de **“A Verdadeira Vida em Deus”**. Acreditaram na redenção de Cristo e no Seu plano salvador nestes nossos dias, e sentiram-se levados a organizar voluntariamente esta reunião. Quando se sabe quanto, em nossos dias, Palestínianos e Israelitas se degladiam uns aos outros, a sua reconciliação é um sinal do poder do Espírito Santo, que uniu pessoas destas duas nações, para trabalharem numa reunião pela paz entre os Cristãos divididos. Como diz a Escritura: **“Os artífices da paz, quando trabalham para a paz, semeiam sementes que darão fruto de santidade”** (Jm 3,18). É uma lição para todos nós.

Nós já vivemos e temos sentido um ante-gosto daquilo com que se parecerá um dia a União entre os Cristãos. Foram-nos dadas lições ou alocações sobre a União por membros do clero de diferentes Igrejas. Os seus discursos soavam, como se fossem pronunciados a uma só voz e com um só espírito. Durante as suas alocações, todos nós sentimos o grande desejo de sermos apenas um. Vimos e fomos testemunhas da sede de União que têm os leigos e o clero. Mas sentimos ao mesmo tempo as grandes chagas exteriores que a nossa divisão tem infligido no Corpo de Cristo.

Na maioria, estamos verdadeiramente cansados desta divisão, porque ela não está conforme com a lei do amor de nosso Senhor Jesus Cristo. Jesus está mesmo cada vez mais cansado de nos ver divididos. Os gritos e aclamações de alegria de todas estas nações que estavam simultaneamente soldadas, apelando para uma União completa entre os Cristãos, puseram bem à mostra que esta divisão não é apenas um pecado, mas é também um contra-testemunho. Entretanto, o maior pecado contra a União é ter datas de Páscoa separadas. Como seria bom gritarmos todos juntos: “*Christos Anesti*”, a uma só voz, e todos no mesmo dia. Todos dizemos “*seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no Céu...*” Jesus Cristo uniu-nos pelo Seu Sangue; e por conseguinte, como podemos nós negar esta União? “**Ele é a nossa paz, Ele que de dois povos fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava, anulando, pela Sua Carne, a Lei, os preceitos e as prescrições, a fim de, em Si mesmo, fazer dos dois um só homem novo, estabelecendo a paz**” (*Ef 2,14-15*).

Como podemos nós dizer “*não*” a Deus, se a verdade é Ele querer que nos unamos? Será possível que nossos corações se tenham endurecido? Teremos nós esquecido as palavras do Santo Padre, quando disse: “*Os elementos que nos unem são muito maiores que os que nos dividem*”? Nesse caso, temos que recolher estes elementos e servir-nos deles para aplanar o caminho de uma completa União.

A Sagrada Escritura e a partilha eucarística

No Catecismo da Igreja Católica está dito, citando-se Santo Agostinho, a propósito da Eucaristia:

‘Perante a grandeza deste mistério, Santo Agostinho exclama: “ O Sacramentum pietatis! O signum unitatis! O vinculum caritatis - Ó mistério da piedade! Ó sinal da unidade! Ó vínculo da caridade! (Jo 26, 6 e 13). Quanto mais dolorosas se fazem sentir as divisões da Igreja, que quebram a comum participação na mesa do Senhor, tanto mais prementes são as orações que fazemos ao Senhor para que voltem os dias da unidade completa de todos os que crêem n'Ele” (CEC 1398).

O Senhor pressiona-nos a reconciliar-nos e a unir-nos. Um cardeal católico bem conhecido disse recentemente a um sacerdote ortodoxo de meus amigos de New York, que assistia à Missa do cardeal, em Roma - e é também esta a minha convicção - que *tem* de ser possível obter de novo esta União ao redor da mesa do Senhor entre Católicos e Ortodoxos, pois partilhamos os mesmos sacramentos e temos virtualmente a mesma fé, se bem que revestidos de expressões de fé e de devoções diferentes. Eu cheguei ao conhecimento do amor inflamado de nosso Senhor, das profundezas do Seu desejo de uma perfeita união do Seu Corpo e creio que Ele sofre com a nossa falta de amor e de comunhão. Por isso, não tenho maior desejo do que ver o Seu Corpo reunido e estou convencida de que nós, Cristãos, se amamos realmente Jesus Cristo, devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance para trabalhar na reconciliação dos membros separados do Corpo de Cristo.

No entanto, eu sei que esta União se não fará facilmente, mas só por um milagre de nosso Senhor. Embora nós devamos fazer tudo o que podemos para fazer avançar a União, Ele prometeu dar-nos esta União, que será obra do Espírito Santo porque, como eu já disse uma vez em 1992, ela virá tão de repente como a queda do muro de Berlim:

“A Misericórdia e a justiça realizam maravilhas, como jamais aconteceu, depois de tantas gerações... e a União descenderá sobre vós como a Aurora; e tão inesperada como a queda do

comunismo. Ela virá de Deus e as vossas nações chama-La-ão O Grande Milagre, o Dia Abençoado da vossa história” (10.I.1990 - III vol., p. 246).

A Igreja de Cristo é una, no sentido em que Cristo é um e não tem senão um só Santo Corpo. Foram as gentes da Igreja que se dividiram. Se os Cristãos forem capazes de vencer os obstáculos negativos que os separam, obstáculos que, segundo a Escritura, são contra a realização entre nós da unidade da fé, de amor e de devoção, o Pai ouvirá a oração já expressa por Seu Filho divino, quando disse: **“Que todos sejam um só como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste” (Jo 17,21).**

Enquanto eu aguardo esta graça, tento seguir, o melhor que posso, os princípios, no estado presente dos meus afazeres, e estou convencida de não prejudicar de modo algum as consciências dos membros de qualquer Igreja. Na sua pergunta, encontra-se a seguinte passagem: **“Lendo no entanto as suas obras, tem-se por vezes a impressão de que a senhora se coloca acima das duas Igrejas, sem que esteja comprometida com uma delas”.**

Na obra escrita, não há nada que possa dar a impressão de que eu me coloco acima das duas Igrejas. Como o senhor o escreve, parece que isso acontecerá mais no plano prático.

Quanto à minha forma de praticar a minha fé, sou Ortodoxa e estou plenamente comprometida com a minha Igreja. Todas as vezes que haja uma Igreja ortodoxa na vizinhança, não deixo nunca de participar na Missa de domingo, pelo menos; e evidente que tantas vezes as não há, como era o caso de Dacca, em Bangladesh, onde eu vivia. Precisamente antes de vir para Roma, onde vivo agora, eu vivi durante 11 anos na Suíça. Todos os domingos ia a nossa igreja ortodoxa, e o sacerdote grego de Lausanne, o Padre Alexandre Iossifides é minha testemunha, assim como os fiéis que vinham à igreja e me viam regularmente, a não ser que eu andasse em viagens, evidentemente.

No estrangeiro, durante as minhas viagens, onde sigo o programa por mim estabelecido, para dar o meu testemunho, por vezes - e eu desejaria acrescentar, bem raramente - pode acontecer que os sacerdotes católicos ou os Bispos do lugar que me convidaram a dar testemunho, terão programado uma Santa Missa pública no próprio lugar em que eu acabo de falar; então, eu fico na assembléia para a Missa, uma vez que ela faz parte do programa; e também eu recebo nela a Sagrada Comunhão.

Aqui, em Roma, vivo longe do centro, e muito longe da minha igreja greco-ortodoxa, que está situada no centro de Roma. Existe uma igreja ortodoxa em Tre Fontane, que eu frequento; mas a verdade é que eu não compreendo a língua e, deste modo, permito-me, de tempos a tempos, pois ando em viagens a metade do tempo, receber a Sagrada Comunhão no Santuário de Nossa Senhora do Divino Amor, situado a 3 km do meu domicílio.

Eu creio que o Segundo Concílio do Vaticano me permite fazê-lo, pois como é lembrado no Catecismo da Igreja Católica: **“uma certa comunhão in sacris, portanto na Eucaristia, é “não só possível, mas até aconselhável em circunstâncias oportunas e com a aprovação da autoridade eclesiástica” - UR 15 (CEC 1399).**

No decreto *Orientalium Ecclesiarum* do Vaticano II está escrito: **“Aos orientais que, em toda a boa fé, se encontram separados da Igreja Católica, podem ser dados, se eles próprios os pedirem e se estiverem convenientemente dispostos, os sacramentos da Penitência, da Eucaristia e da Unção dos doentes...”**

O Código de Direito Canónico católico declara: **“Os ministros católicos administram licitamente os sacramentos da Penitência, Eucaristia e Unção dos doentes aos membros das Igrejas Orientais que não estão em comunhão plena com a Igreja Católica, se eles os pedirem espontaneamente e estiverem devidamente dispostos; o mesmo se diga com respeito aos membros de outras Igrejas, que, a juízo da Sé**

Apostólica, no concernente aos sacramentos, se encontram nas mesmas condições que as Igrejas orientais referidas”(Can 844 -3).

A carta encíclica **“Ut u num sint”** do Papa João Paulo II continua estas afirmações ao referir-se à **Orientalium Ecclesiarum**: *“Por causa dos estreitíssimos vínculos sacramentais existentes entre a Igreja Católica e as Igrejas Ortodoxas, o decreto Orientalium Ecclesiarum pôs em evidência que “à praxe pastoral demonstra, com relação aos irmãos orientais, que se podem e devem considerar as várias circunstâncias das pessoas nas quais nem é lesada a unidade da Igreja, nem há perigos a evitar, mas urge a necessidade da salvação e o bem espiritual das almas. Por isso, a Igreja Católica, consideradas as circunstâncias de tempos, lugares e pessoas, muitas vezes tem usado e usa de modos de agir mais suaves, a todos dando os meios de salvação e o testemunho de caridade entre os cristãos através da participação nos sacramentos e em outras funções sagradas” - n. 26*¹¹.

Quanto à relação com as Igrejas da reforma, as coisas são um pouco mais complexas. Muitos fiéis de educação protestante, que lêem "A Verdadeira Vida em Deus", tornam-se católicos por sua livre escolha, principalmente por causa dos temas relacionados com a Eucaristia. Jesus não fala, nas mensagens, da validade dos seus sacramentos, mas pressiona os Protestantes a amar de novo a Mãe de Jesus e a reconhecer o papel de Pedro:

“Vassula, chegou o momento de unir a Minha Igreja. Reuni-vos, bem-amados. Vinde e reconstruí essas velhas ruínas. Reconstruí a Minha velha Fundação, uma Fundação estabelecida pela Minha própria Mão. Honrai a Minha Mãe como Eu, que sou o Verbo e, cima de tudo, A honro; não deveria Eu, então, desejar que vós, que não sois senão cinza e pó, A reconhecêsseis como Rainha do Céu e A honrásseis? A Minha dor é ver como a Minha Criação reconhece tão pouco a Sua importância. Boa parte dos Meus discípulos isolaram-se completamente sob o nome de Lutero. Eles devem regressar a Pedro” (22.12.1987 - 11 vol., pags. 79-80).

Numa outra mensagem, Cristo repreende os Cristãos que não conseguem ver a grandeza do Mistério da Eucaristia e a Divina Presença de Cristo que nele Se encontra:

“.. E por isso, digo a essas igrejas, cujo clero não aceitou o Meu Mistério: ‘Tende senso e procurai-Me com fervor; dominai os vossos ressentimentos, também, contra Minha Mãe; possa cada raça saber que Minha Carne e Meu Sangue vêm de Minha Mãe. Sim, Meu Corpo vem da Santíssima Virgem, de sangue puro. Bendito seja o Seu Nome! Para salvar todos os humildes da terra que Me recebem e para lhes dar a vida imperecível, Eu passei a ser Pão para Me dar a vós. E por esta comunhão, Eu santifico todos os que Me recebem, deificando-os, para que eles mesmos sejam a carne da Minha Carne, os ossos dos Meus Ossos. Partilhando-Me a Mim que sou Divino, vós e Eu passamos a ser um só corpo, espiritualmente unido, passamos a ser familiares, porque Eu posso transformar-vos em deuses por participação; pela Minha Divindade, Eu Mesmo deifico os homens... (...) Agora, Eu sou julgado por homens. A Veste¹² que pode cobrir-vos, ornando-vos majestosamente, dando-vos uma metamorfose, divinizando-vos, é rejeitada por essas igrejas que não podem compreender o Meu Mistério... Hoje, de novo, Eu grito do Céu: ‘Irmãos, porque minais a Minha Divindade? Se pretendeis ser os que sabem o que é justo, então, por que motivo o vosso espírito pilha assim a Minha Igreja? Convido-vos a reinar Comigo, convido-vos a celebrar a Missa e a tomar parte no Divino Mistério, da forma como Eu verdadeiramente O instituí”(...) Estas igrejas proclamam-Me real e glorioso, afirmam o Meu poder, proclamam o Meu indiscutível poder, cantam-Me os seus louvores, reconhecem a Minha Onnipotência e as Poderosas maravilhas, mas Eu torno-Me uma verdadeira pedra de escândalo ou embaraço, sempre que se trate de medir a magnificência da Minha Divindade e da Minha Presença na Eucaristia” (16.10.2000 - XI vol., pags. 215-216).

O estatuto matrimonial

Pouco depois, na sua pergunta, diz que eu recebo por vezes a Sagrada Comunhão na Igreja católica romana: “*Compreende a nossa preocupação em ordem aos Católicos que a seguem e poderiam interpretar estas suas atitudes de uma forma relativista e ser assim tentados a desprezar a disciplina da sua própria Igreja?*”. Segundo o Direito Canónico, que acima citei e que prova que eu estou em total concordância com o Direito Cartónico da Igreja católica, eu não vejo razão alguma para que os fiéis católicos reajam de uma forma relativista.

Eu não sou a favor do divórcio e não tento promover entre os fiéis católicos a doutrina segundo a qual o novo matrimônio das pessoas divorciadas deveria ser permitido. O meu divórcio e o meu novo matrimônio civil realizaram-se antes da minha conversão. Depois da minha conversão, à luz das mensagens de “**A Verdadeira Vida em Deus**”, eu descobri que a minha situação matrimonial não era regular. Todavia, além de mim própria, ninguém conhecia esta situação e, uma vez mais, fui eu própria que o deplorei publicamente. Denunciei a minha própria situação no momento em que, de facto, ninguém sabia nada disto. Tendo tomado consciência da minha situação, aproximei-me das autoridades de minha Igreja, em Lausanne, e passei por um processo de completo esclarecimento sobre as regras matrimoniais ortodoxas. E deste modo, eu sou uma Cristã ortodoxa em paz com a minha Igreja e com as suas regras como todo e qualquer Cristão ortodoxo e, como tal, é-me permitido receber a Eucaristia na minha própria Igreja e na Igreja Católica, segundo os princípios mencionados anteriormente. Não desprezo de modo algum as regras da Igreja Católica sobre o matrimônio. Para sua informação, junto a este documento o meu certificado de matrimônio (Anexo 1).

3ª Pergunta: *Confusão de terminologia relativamente às Pessoas da Santíssima Trindade.*

‘Nos seus primeiros escritos, como se observa na ‘Notificação’, há uma certa confusão de terminologia relativamente às Pessoas da Santíssima Trindade. Nós estamos certos de que a senhora subscreve os ensinamentos da sua Igreja. Pensa, porventura, que poderia ajudar-nos a esclarecer estas expressões? Quando se trata de matérias de fé, não seria útil seguir a terminologia oficial dos catecismos correntes, para evitar a confusão nos espíritos dos leitores de a “A Verdadeira Vida em Deus”?’ ”

Neste sentido, desejaria tentar explicar o melhor que possa o dilema da linguagem, lembrando-lhe que não sou uma teóloga que poderia exprimir-se de uma forma técnica e receber as palavras do alto na terminologia oficial. É claro que nosso Senhor Se exprimiu de uma forma que eu compreendesse, adaptando-Se, para me alcançar. Ele tão pouco me fala em teologia escolástica, mas a verdade é que também o não fez quando estava na terra, quando disse: “**Eu e o Pai somos um**” (Jo 10,30); nem São Paulo, quando escreve: “**o Senhor é Espírito**” (2 Cor 3,17). A Bernardete, de Lourdes, Maria falou em dialecto local, que não era o bom francês. Mesmo nos livros inspirados da Escritura, eu aprendi que existem diferenças notáveis entre o grego apurado de São Lucas e a língua simples de São Marcos. Santa Catarina de Sena, no seu diálogo, explicou uma vez: “*Porque Vós, eterna Trindade, Vós sois o Criador, e eu a criatura; por isso, terei eu conhecido, iluminada por Vós, na nova criação que Vós fizestes de mim pelo sangue de Vosso Filho único, que Vós nos possuístes de amor pela beleza da Vossa criatura*”¹³. Chamar a Cristo “*Filho da Trindade*” soa a heterodoxo, mas nós tomamos esta passagem, tanto quanto possível, no bom sentido...

Por isso, é perfeitamente normal, que Cristo Se tenha servido do meu nível de vocabulário, de preferência a servir-Se de uma linguagem de teólogo. Muitas vezes, eu própria pronunciei palavras, a partir da minha experiência pessoal de Deus e disse o que tinha sentido pelos termos que me vem

espontaneamente, sem muita reflexão crítica, a saber, como isto irá soar aos ouvidos do meu auditório, ou se isso iria a cair no risco de ser mal compreendido. Articular os mistérios divinos foi muito difícil para mim, e sobretudo como exprimir estes mistérios divinos, que deviam ser transpostos em linguagem tradicional. Os teólogos, pelo contrário, servem-se de um vocabulário que foi cuidadosamente afinado ao longo de muitos séculos de discussões.

Não sei exactamente a que parte dos escritos se refere a pergunta, mas posso imaginar que se trate da passagem em que Cristo é chamado ‘Pai’. Cristo é o Filho de Deus Pai. Em certas partes da revelação, os escritos não se referem, de uma forma ontológica ou doutrinal à pessoa de Cristo. É antes uma linguagem afectuosa e paternal, a mesma linguagem que Jesus utilizou com os Seus discípulos: **‘Meus filhos...’** (Jo 13,33). Já Isaías descrevia o Messias como o **‘Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno...’** (Is 9,6).

Desde o início, jamais confundi o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Presença (*a atitude*) de Cristo comigo era dominada por afeição paternal. Quando, numa passagem, chamei a Jesus ‘Pai’, era por causa da forma paternal com que Ele me falava. Era como uma destas ocasiões em que os pais explicam e ensinam certas coisas a seus filhos com paciência e amor, para seu crescimento e desenvolvimento. Eis um exemplo de palavras de Cristo: **‘V assula, cresce em espírito, porque a tua missão é entregar todas as mensagens reveladas por Mim e por Meu Pai. A Sabedoria instruir-te-á.** Então, eu respondi: **‘Sim, Pai!’**. Jesus respondeu: **‘Como é belo, ouvir-te chamar-Me Pai! Suspirava por ouvir dos teus lábios esta palavra: ‘Pai’** (16.2.1987 - I vol., págs. 114-115). Na Ladainha do Santíssimo Nome de Jesus, Jesus é chamado: **‘Pai do mundo que há-de vir’**. A sequência da Missa do Pentecostes chama ao Espírito Santo **‘Pai dos pobres’**:

Escolhi São Simeão, o novo teólogo, um teólogo e santo muito querido e importantíssimo na minha tradição ortodoxa, para lhe dar algumas semelhanças suplementares. Eis o que ele diz: *‘Para aqueles que estão desmamados, Ele (Cristo) desempenha o papel de um Pai amoroso que vigia pela educação de Seus filhos’* (Traité éthique 4. 275 -279).

A crítica pode também referir-se a uma particular mensagem do início, em que o Senhor desejava ensinar-me a unidade da Santíssima Trindade. A mensagem que poderia ser posta em questão era: **‘Eu sou o Pai e o Filho. Compreendes agora? Eu sou Uno, Eu sou Todo n’Um’** (2.3.1987 - I vol., p. 130). Aqui, nosso Senhor desejava fazer-me compreender a unidade perfeita e ontológica da Santíssima Trindade, como as Três Pessoas divinas são indivisíveis e completamente una na natureza. Como São Simeão o diz, no seu hino 45, 7-21: *‘Três num e um em três.. como teria eu podido saber, Senhor, que tinha um tal Deus, Mestre e Protector, Pai, Irmão e Rei...?’*. Gradualmente, toda a terminologia não oficial se cristalizou com o tempo; e deste modo, se alguma coisa pode parecer confuso, é esclarecida mais tarde.

Lembra-se como, há muito tempo, o próprio Papa Bento XIV tomou nota de passagens discutíveis, nos escritos dos Padres da Igreja e dos Santos, e declara que: *‘Acontece frequentemente que aquilo que um autor exprime incompleta ou obscuramente numa parte da sua obra, se encontra depois explicado, clara, completa e distintamente numa outra parte... Há, pois, necessidade de procurar qual a exacta intenção do autor, não a partir de uma frase particular, mas a partir de todo o contexto da obra; a benevolência deve acompanhar a severidade, o juízo sobre os pontos de desacordo deve ser feito, não tomando por base o seu ponto de vista, mas a probabilidade da doutrina’* (Constituição da introdução do Index).

Eu contei como Jesus me pediu, numa das primeiríssimas mensagens, que **‘desenhasse como é a Santíssima Trindade’**. Eu descrevi ter tido a visão de uma luz, depois uma luz saiu desta primeira luz, depois uma outra, o que fazia três luzes. Então, comentei: *‘Quando o Filho está no Pai, então, Eles são um. A Santíssima Trindade é uma e a mesma. Eles podem ser três, mas todos os três podem ser um. Resultado: um só Deus’*. Aprendi que esta declaração emprega uma metáfora que nos leva ao Credo de Niceia, o qual declara que o Filho nasceu do Pai, Luz nascida da Luz. Esta imagem tornou-se depois clássica no pensamento cristão. Por exemplo, Simeão o novo teólogo escreveu a este respeito: *‘Aquele que era no principio, antes de todas as idades, gerado pelo Pai, e com o Espírito, Deus e Verbo, triplo na unidade, mas*

uma só luz nos três” (Hino 12, 14-18). Por vezes, é Deus Pai que fala e, em palavras tais como “**Meu Filho Jesus**”, etc., é evidente, a todo o leitor que conhece a Escritura, que é efectivamente o Pai que fala. Depois, pode acontecer que mais tarde, no mesmo dia, seja Cristo a falar-me para continuar a mensagem. Uma vez mais, o leitor que conhece a Escritura compreenderá que é Cristo que fala, porque fala das Suas Chagas, na Cruz. Quanto às mensagens começadas por exemplo pelo Pai, e depois, mais tarde, continuadas pelo Filho, elas contêm ordinariamente a menção “*mais tarde*”. Onde eu não acrescentei a indicação, para ajudar o leitor, era apenas porque o compreender Quem falava nesse momento me parecia de tal modo evidente pelas palavras pronunciadas, que deixei o texto tal e qual. Da parte de muitos milhares de leitores, jamais recebi uma só carta a pedir-me um esclarecimento sobre esse assunto, como ninguém veio dizer-me que tinha ficado desorientado. Só dois eclesiásticos, nos Estados Unidos, interpretaram a mensagem do modo mais desfavorável possível, e publicaram os seus comentários várias vezes em diferentes jornais, e isto sem me terem consultado.

Numa passagem dos escritos de “**A Verdadeira Vida em Deus**”, Cristo diz: “**Eu sou a Trindade**”. Neste momento, o próprio Cristo Se identifica com a natureza da Trindade que é una. Cristo é uma das Pessoas da Trindade. Cristo fala como divindade, pois esta é uma por natureza, comunicada a cada uma das três Pessoas.

Numa das passagens de “**A Verdadeira Vida em Deus**”, é Cristo que fala: “**Abençoada sejas, Minha filha, Eu teu Pai Santo, amo-te. Eu sou a Santa Trindade**”. Depois, acrescentou: “**Discerniste bem?**”. Eu tinha discernido enquanto Jesus dizia: “**Eu, teu Pai Santo**” vi Jesus nas “*três dimensões*”, um ‘triplo’ Jesus, como essas imagens especiais em que a mesma personagem parece triplicada, uma a sair da outra, todas três idênticas e semelhantes (*única, indivisa, de uma só essência, de uma só substância*). “**Eu sou a Santa Trindade, Todos n' Um**” (11.4.1988 - II vol., pág. 179). Se consideramos apenas a declaração inicial atribuída a Jesus, poder-nos-íamos interrogar se Ele Mesmo Se não identificou com o Pai e depois com toda a Trindade. Mas prosseguindo-se a leitura, aparece bem claramente que não é esse o caso.

Cristo tentava ensinar-me a unidade da Santíssima Trindade, e que as três Pessoas são indivisas e, deste modo são completamente uma. A unidade da Trindade não vem inicialmente do facto de que as três Pessoas são indivisas (*como amigos inseparáveis!*), mas do facto de cada uma d'Elas possuir a mesma natureza divina única, distinguindo-Se apenas pelas suas relações mútuas.

Numa outra passagem de “**A Verdadeira Vida em Deus**”, Cristo ensina-me como a Trindade Se reconhece em cada Um d'Eles como Uma só e mesma substância: “**Acaso não sou Eu Generoso? Não sou o Altíssimo? Tende, pois, confiança, porque estais nos Braços de vosso Pai. Eu, a Santíssima Trindade, sou Um e o Mesmo (da mesma substância)**” (25.7.1989 - III vol., pág. 98).

De forma a exprimir isto mesmo no modo de pensar da tradição da Igreja ortodoxa, poderia ser útil virar-nos uma vez mais para o livro de Mons. Basile Krivochéine sobre S. Simeão¹⁴, em que as palavras são bem melhor expressas do que eu alguma vez o poderia fazer. “*Deus está acima de todo o nome, Ele é trinitário, mas o Uno e a Sua unidade são exprimíveis*” (p. 305). E do próprio São Simeão:

“É em vão que Vos chamamos nomes múltiplos e variados, Vós sois, Vós, um só ser... É ser único (to ên), é a natureza em três hipóstases, única Divindade... pois o meu Deus é uma só Trindade e não três seres, e no entanto o Um é Três segundo as Hipóstases, conaturais Uma à Outra segundo a natureza, absolutamente do mesmo poder, da mesma essência, unidas sem confusão, de uma forma que transcende a inteligência e, reciprocamente, separadas sem separação, Três n'UM e Um em Três” (Hino 45, 7 -21).

Numa outra passagem de “**A Verdadeira Vida em Deus**”, Cristo insiste na Sua Divina Unidade: “**Eu-Sou-Aquele-Que-Salva, Eu sou o vosso Redentor, Eu sou a Santa Trindade, tudo n' Um e Um em Três. Eu sou o Espírito de Graça...**” (28. 7.1989 - III vol., pág. 102).

Neste momento, Jesus, dizia-me que Ele está no Pai com o Espírito, como-o pai e Ele estão no Espírito. Ele, o Filho, é e permanece co-eterno no Pai, com o Espírito Santo. Podemos agora voltar a lembrar as palavras de Cristo: **“Deus é espírito, e os Seus adoradores em espírito e verdade é que O devem adorar”** (Jo 4,24).

De importância vital são também as palavras de São Paulo: **“O Senhor é Espírito e onde está o Espírito, do Senhor, há liberdade”** (2 Cor 3,17).

Jamais se encontrará o Pai separado do Filho ou do Espírito, nem o Filho, separado do Pai ou do Espírito, nem o Espírito, excluído da união com Aquele de que Ele Mesmo procede. De onde, a expressão: **“Eu sou a Trindade. Todos n' Um”**; e outras expressões nos escritos, que são semelhantes a esta. Da mesma forma, numa outra passagem de **“A Verdadeira Vida em Deus”**, eu preciso: **“Quando o Filho está “no” Pai, Eles não fazem senão Um. A Santíssima Trindade é UNA e a Mesma. Ela pode ser considerada em Três, mas os Três podem estar n' Um: Um Só Deus e Trino”**(24.11.1987 - II vol., p. 54).

Desejaria explicar particularmente estas duas expressões que vêm muitas vezes, nos escritos de **“A Verdadeira Vida em Deus”**. É Cristo que fala: **“.. Que vos unais e sejais um, como a Santíssima Trindade é Una e a Mesma”** (10.10.1989 - III vol., pág. 172). Ou esta outra expressão: **“Rezai, a fim de que o Meu rebanho seja um só, como o Pai e Eu somos Um e o Mesmo”** (29.3.1989 - III vol, pág. 34).

Há aqui um factor muito importante. Quando Cristo utiliza a palavra *“o mesmo”*¹⁵, isto é diferente, se se traduz esta palavra em italiano ou em francês, porque o significado muda; desejaria sublinhar que houve deficiências na tradução, mas ninguém me poderá considerar responsável por isso. Em inglês (*língua original dos escritos*) *“the same”* não significa *“a mesma pessoa”*, mas significa *“iguais”*, no sentido da unidade da essência, da unidade da substância.

E depois, há passagem em que, por Seu lado, a Santíssima Trindade fala a uma só voz. Mas, ainda assim, isso é bem claro. Por exemplo, eis uma passagem: **“.. os teus gritos aterrorizados atravessaram os céus, atingindo os ouvidos da Santíssima Trindade... “Minha filha!”, “ assim ressoou cheia de alegria a Voz do Pai, através de todo o Céu”**.

Depois, o Filho disse: **“Ah!... Eu Mesmo a farei agora penetrar as Minhas Chagas e a deixarei comer o Meu Corpo e beber o Meu Sangue. Eu desposá-la-ei e ela será Minha por toda a eternidade, Eu mostrar-lhe-ei o Amor que Eu tenho por ela, e os seus lábios, doravante, terão sede de Mim, e o seu coração será o repouso de Minha Cabeça...”**.

Imediatamente depois, o Espírito Santo disse:

“E Eu, o Espírito Santo descerei sobre ela para lhe revelar a Verdade, e as Nossas profundezas. Eu lembrarei ao mundo, através dela, que o maior de todos os dons é o AMOR”

Então, depois, a Santíssima Trindade exclamou a uma só voz: **“Então, celebremos! Que todo o Céu celebre!”**.

O mistério da Santíssima Trindade, a Sua unidade, associada aos traços distintivos de cada uma das três Pessoas, e a Sua relação entre Si, é um dos grandes mistérios da fé cristã. Contudo, o facto de a Trindade ser um mistério tão infinito, não deve fazer-nos recear ou ter medo de louvar as Suas maravilhas e de falar d' Ela, embora a linguagem humana jamais seja capaz de exprimir a beleza e a imensidão d'Aquele que é Uno mas Trino. Com efeito, o mistério da Santíssima Trindade é tão central na nossa fé que se coloca acima e projecta a sua luz sobre todos os outros mistérios da fé. Isso foi também muito sublinhado bem claramente no Catecismo da Igreja Católica:

*“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério do próprio Deus. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, e a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na ‘hierarquia das verdades da fé’”*¹⁶. *“Toda a história da salvação não é senão a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, Se revela, Se reconcilia e Se une aos homens que se afastam do pecado”*¹⁷ (CEC 234).

4ª Pergunta: Protologia e Escatologia

“Há também alguma s dificuldades relacionadas com a protologia e a escatologia. Em que sentido tem a alma uma “visão de Deus” antes de ser infundida no corpo? E como vê a senhora o lugar do Novo Pentecostes, na história da salvação, em relação com a parusia e a ressurreição dos mortos?”

PROTOLOGIA: Não creio em nenhuma forma de reencarnação. Pelo contrário, os meus escritos falam contra a reencarnação e a *New Age*: **“As doutrinas de Satanás ensinam-vos a acreditar na reencarnação quando, na realidade, não existe reencarnação alguma. Essas doutrinas conservam a aparência exterior de religião, mas rejeitaram o seu poder interior: o Espírito Santo e a Santa Comunhão”** (19.4.1992 - V vol., pág. 111). A passagem a que é possível que o senhor faça alusão poderá ser a seguinte: **“Então, no meio desta Luz cintilante, a tua alma verá aquilo mesmo que já viu, numa fracção de segundo, no justo momento da tua criação... Eles verão: as Mãos d’ Aquele Que vos formou e vos abençoou... eles verão: o mais Terno Pai, vosso Criador”** (15.9.1991 - IV vol., p. 269).

É uma das passagens escritas em linguagem poética e mística. Aquilo que aqui é dito, de modo nenhum implica a preexistência da alma. Ela fala antes de como Deus abençoa e ama cada alma, desde o primeiro momento da sua criação. Eu creio que nós somos criados à imagem de Deus e que possuímos a Sua marca no mais íntimo da nossa alma, de onde resulta que os seres humanos têm uma natural aspiração ao seu Criador, o único que a pode satisfazer, como diz Santo Agostinho: *“O coração foi fei to para Deus, e não pode repousar até que na realidade repouse em Deus”*. A coisa importante que eu desejaria comunicar através desta frase é: nós trazemos a imagem de Deus no íntimo do nosso ser, desde o momento da nossa concepção.

ESCATOLOGIA: Foi dito que sou o advogado de uma espécie de milenarismo erróneo, que quer estabelecer uma nova ordem, *“Novos Céus e Nova Terra”* materiais, antes da Segunda Vinda de Cristo. Isto é falso e não poderá encontrar-se em parte alguma, nas mensagens. Estou bem consciente de que a Igreja Católica condenou esta espécie de milenarismo, como está escrito no Catecismo da Igreja Católica: *“Esta impostura anticristica já se coloca no mundo, sempre que se pretende realizar na história a esperança messiânica, que não pode consumir-se senão para além dela, através do juízo escatológico. Mesmo na sua forma mitigada, a Igreja rejeitou esta falsificação do Reino futuro sob o nome de milenarismo, e principalmente sob a forma política dum messianismo secularizado, ‘intrinsecamente perverso”* (C EC 676).

Nos escritos de **“A Verdadeira Vida em Deus”** há inúmeras passagens com termos tais como: *Novos Céus e Nova Terra*, assim como Segundo Pentecostes ou por vezes Novo Pentecostes, mas devem ser compreendidas de modo metafórico. A realização destas palavras não deve ser encontrada numa ruptura com esta história que é a nossa, antes da Segunda Vinda, estabelecendo uma segunda economia da história. Estas palavras exprimem a suprema esperança de que Cristo nos renovará a partir do interior, pelo poder do Espírito Santo. É um renovamento da fé e um renovamento da Igreja, aos quais tanto aspiramos. E o fruto que esperamos deste renovamento é a cura do cisma, no Corpo de Cristo. Já o Papa João XXIII tinha encarado um tal renovamento, quando rezou por um Segundo Pentecostes: **“Ó Espírito Divino... renovai, nestes nossos dias, os Vossos milagres, tais como um Segundo Pentecostes”**. E também o nosso papa actual, João Paulo II, se serviu destes termos em várias ocasiões, como na sua carta ao Reverendíssimo Padre Joseph Chalmers, prior geral dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, no

dia 8.9.2001: “*Invoco sobre vós uma abundância de graças divinas. Tal como um Segundo Pentecostes, possa o Espírito descer sobre vós e iluminar-vos, afim de que descubrais a vontade de vosso misericordioso Pai celeste. Deste modo, vós podereis falar aos homens e às mulheres nas formas que lhes são familiares e eficazes*”(cf. Ac 2, 1 -13).

De um modo semelhante, os meus escritos exprimem-se numa linguagem metafórica de um renovamento da fé, a fim de que o Senhor possa erguer o Seu Trono e construir o Seu Reino nas nossas almas: **“Vinde e aprendei: os Novos Céus e a Nova terra existirão quando Eu estabelecer o Meu Trono em vós, pois a quem quer que tenha sede, Eu Mesmo darei gratuitamente a água do poço da Vida”** (3.4.1995 - VII vol., pág. 222; ref. a Ap 21,6).

Eu creio que o renovamento que nos é prometido já começou, e é apenas através da graça que a misericórdia de Deus está sobre nós, para derramar o Seu Espírito sobre toda a humanidade, como nunca, na história que nos é anterior. E o seu crescimento vai continuar, enquanto a graça, nestes nossos dias, brilha sobre nós como os raios do sol, para nos curar. O Senhor favoreceu-me, mostrando-me o estado da fé dos Cristãos, neste nosso tempo. Era deplorável e é o menos que se possa dizer. Muitas das mensagens estão cheias de pena e amargura, descrevendo a apostasia que se abateu sobre o mundo cristão. Mas, o Senhor dá-nos a esperança, partilhando connosco que haverá (*que há*) um renovamento, uma transfiguração e um regresso à Vida pela acção do Espírito Santo. Uma sede de Deus será dada, por graça, através do Espírito Santo. Eis alguns extractos: **“O Meu Espírito Santo vos libertará da vossa grande apostasia para desposar-vos. A miséria da vossa era afastar-vos-á de vós, porque, com as Minhas próprias Mãos, tirarei o sudário de morte, para revestir-vos com as vestes das nossas núpcias”** (20.10.1990 - IV vol., pág. 74). **“Farei novas todas as coisas (Ap 21,5). Renovar-vos-ei a todos por meio do Meu Espírito Santo”** (27.6.1991 - IV vol., p. 226).

Os meus escritos não dizem quando isso acontecerá ou até que ponto o Senhor poderá construir o Seu Reino, tal como nós o esperamos e pelo qual rezamos, sempre que dizemos a oração do Senhor: **“Venha a nos o Vosso Reino”**. Eu creio que já começou em nós e o seu crescimento incluirá sempre a nossa colaboração e a nossa boa vontade. Creio que um renovamento já começou, mas ele vem lentamente como a maré, no mar, que ninguém pode deter.

O Novo Pentecostes ou Segundo Pentecostes é a esperança do nosso renovamento. É uma efusão do Espírito Santo que renovará a criação. Em **“A Verdadeira Vida em Deus”**, ela é comparada a Ap. 21. Eis uma passagem:

“Vinde e aprendei: os Novos Céus e a Nova terra existirão, quando Eu estabelecer o Meu Trono em vós, porque, a quem quer que tenha sede, Eu darei gratuitamente a água do poço da Vida. Permiti, pois, ao Meu Espírito Santo que vos atraia para o Meu Reino e para a Vida Eterna. Que o mal não adquira mais poder em vós para vos fazer morrer. (...) Permiti ao Meu Espírito Santo que cultive o vosso solo e que faça de vós um Eden terrestre. Que o Meu Espírito Santo faça de vós uma Nova terra, para fazer prosperar o vosso solo, a fim de que a vossa primeira terra - que era propriedade do demônio - desapareça. Então, de novo, a Minha Glória brilhará em vós e todas as sementes divinas, semeadas em vós pelo Meu Espírito Santo, germinarão e crescerão na Minha Luz divina. (...) Por isso, permiti ao Meu Espírito Santo que transforme a vossa alma num Paraíso, numa Nova Terra, onde Nós faremos Nossa Morada. (...).

(Eu perguntei ao Senhor:) *E que se passa com os Novos Céus, Senhor?*

- Os Novos Céus? Também eles serão em vós, quando o Meu Espírito Santo vos governar em santidade. O Meu Espírito Santo, consorte do Meu Trono, brilhará nas vossas trevas como um esplêndido sol no céu, porque a Palavra vos será dada para exprimirdes os pensamentos e os discursos como Eu quero que penseis e faleis. Tudo será expresso de acordo com a minha

Imagem e o Meu Pensamento. Tudo quanto fizerdes será a Nossa semelhança, porque o Espírito de vosso Pai falará em vós. E o vosso Novo Universo caminhará com o Meu Espírito Santo para conquistar, para minha Glória, o resto das estrelas (*simboliza as gentes*), assim como os que não tinham observado a Minha Lei e andavam completamente perdidos, como uma sombra a passar pelas trevas, sem nunca terem conhecido a esperança e a santidade que Eu Mesmo reservava para o vosso tempo. Os Novos Céus, Altar, serão quando o Meu Espírito Santo for derramado do Alto sobre todos vós, do mais alto dos Céus. Sim, Eu enviar-vos-ei o Meu Espírito, para fazer, da vossa alma, um céu, a fim de que, nesse Novo Céu, Eu seja três vezes glorificado. E como os caminhos dos que tiverem recebido o Meu Espírito Santo terão sido rectificadas, assim também as suas trevas e a sua escuridão serão esclarecidas e restauradas em luminosas estrelas, a iluminar as suas trevas para sempre. Depressa esta terra e este céu desaparecerão, porque a irradiante glória do Meu Trono brilhará em todos vós" (3.4.1995 - VII vol. págs. 222 e 223; e 224-225).

Corno poderá ver, tudo isto é expresso numa linguagem de estampa simbólica assim como poética, para descrever um renovamento ou um Novo Pentecostes. Eu tenho explicado às pessoas que não devem nunca esperar de Deus acontecimentos sensacionais, porque Deus age de preferência de uma forma discreta, embora a Sua linguagem possa ser expressiva e poderosa. O Novo Pentecostes - como aliás muitos acontecimentos - não deve ser esperado como através de chamadas visíveis por sobre as nossas cabeças ou algo de semelhante. Quando Deus entra em acção, fá-lo de uma forma tão doce e discreta, que muitos dos que aguardavam acontecimentos sensacionais não darão mesmo por isso imediatamente.

5ª Pergunta: *“A Verdadeira Vida em Deus”, um movimento?*

“Qual a identidade real do movimento de a Verdadeira Vida em Deus e que exige ele dos seus adeptos? Como está estruturado?”

“A Verdadeira Vida em Deus” não é um movimento, mas um apelo apostólico.

“A Verdadeira Vida em Deus” não é um movimento, como tão pouco tem qualquer sede. É simplesmente um apelo à reconciliação e à união feita a todos, quem quer que sejam. O apelo não é feito apenas a Cristãos, mas verdade é que tem atraído também os não Cristãos e tantas vezes os tem levado a fazer-se Cristãos. Depois de ter lido os escritos inspirados de **“A Verdadeira Vida em Deus”**, muitos Israelitas, Muçulmanos, Budistas e Hindus foram baptizados, na medida em que esta espiritualidade é uma espiritualidade contemplativa trinitária e totalmente impregnada de cristianismo. Cristo rezou ao Pai por isso e disse: **“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão-de crer em Mim”** (Jo 17,20). Deste modo, pela graça, Deus está em vias de abrir muitas portas. Por exemplo, logo a partir do início, Ele Próprio me disse que esta obra apostólica sobreviveria.

“Deus dar -te-á a Sua Paz e a Sua Força, quando vier o tempo de mostrar as mensagens. Deus irá querer de ti que dês estas mensagens a todos” (O meu anjo Daniel, 6.8.1986, pág. 68). **“Tu não deves ter medo. Irás trabalhar por Jesus Cristo. Ajudarás os outros a crescer espiritualmente”** (O meu anjo Daniel, 7.8.1986, p. 69). **“Quando tu própria fores cumulada pelo Meu Espírito Santo, então serás capaz de orientar os outros para Mim e vós multiplicar-vos-eis ... ”** (Jesus, em O meu anjo Daniel, 5.9.1986, p. 72). **“... Ao chamar-te deste modo, pretendo conduzir outros igualmente, todos quantos Me abandonaram e que Me não ouvem. Por estas razões, este apelo se faz de uma forma escrita”** (o Pai, em O meu Anjo Daniel, 18.11.1986, p. 108).

Os monges budistas de Hiroshima tiveram também conhecimento da mensagem e convidaram-me para dar testemunho dela no seu templo. O bispo católico também estava presente. Isso aconteceu no dia

comemorativo da bomba atômica. E assim lhes; foi transmitida uma mensagem inteiramente cristã; depois, ofereci-lhes um grande terço para suspenderem no muro do templo, para sua meditação e uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que eles mesmos colocaram no pátio do seu templo.

Israelitas que leram as mensagens de **“A Verdadeira Vida em Deus”** pediram o batismo e um deles traduziu para a língua hebraica o primeiro volume de **“A Verdadeira Vida em Deus”**. Está agora no editor para ser publicada. Todos vivem em Israel.

Recentemente, o grupo de Bangladesh quis que eu desse testemunho da Mensagem, diante da população de Dacca num espaço a descoberto. Convidaram um Imam da mesquita, que aceitou o convite para abrir a reunião com uma oração. Muitos Muçulmanos estavam presentes. Havia também representantes hindus e budistas, assim como sacerdotes católicos. Uma vez mais, a Mensagem era inteiramente cristã, extractos dos escritos inspirados de **“A Verdadeira Vida em Deus”**. O testemunho central e essencial que eu dei era revelar Deus como Amor, fazer as pazes com Deus e com o seu próximo, reconciliar-se e aprender a respeitar-nos uns aos outros. Deste modo, depois da reunião, dois Muçulmanos pediram o fazer-se cristãos e ser batizados. **“Eu quero que todas as nações ouçam as Minhas Palavras. Eu Próprio te instruirei e indicarei o caminho a seguir”** (*Jesus, em O meu Anjo Daniel, 10.1.1987, p. 135*).

Ensinamentos contemplativos

Muitos acreditam em Deus, mas não conhecem Deus. Os escritos inspirados de **“A Verdadeira Vida em Deus”** ensinam os leitores a conhecer Deus e a compreendê-Lo, e encorajam-nos a ter uma relação íntima com Deus, que nos leva a uma vida unida a Ele. E assim, unidos a Cristo pelo Espírito Santo, os fiéis sentem-se chamados a viver uma só e mesma vida, a vida de Cristo.

A Escritura diz: **“Não se envaideça o sábio do seu saber, nem o forte da sua força, nem se glorie o rico da sua riqueza! Aquele, porem, que se quiser vangloriar, glorie-se nisto: Em praticar o bem e conhecer-Me a Mim, conhecer que Eu sou o Senhor...”** (*Jr 9, 22-23*).

Formação de Grupos de Oração

Os escritos de **“A Verdadeira Vida em Deus”** ensinam-nos a praticar a simples oração do coração e a transformar as nossas vidas numa oração contínua, que é viver perpetuamente em Deus e Deus em nós. Mas eles constituem também um poderoso apelo a formar grupos de oração em todo o mundo. Desde que pessoas, em mais de sessenta países, têm organizado reuniões em que eu tenho dado testemunho da Mensagem, em todos estes países, estão agora formados grupos de oração. Há vários, em cada um dos países. Por exemplo, em França, há quarenta e oito grupos ecuménicos de oração, inspirados pela espiritualidade de **“A Verdadeira Vida em Deus”**. No Brasil, que é um país muito maior, há trezentos grupos de oração ecuménicos. Cada grupo de oração, mesmo que os participantes sejam católicos, ortodoxos, luteranos, anglicanos ou baptistas, começa as suas reuniões com a reza do Terço do Rosário. **“Quanto Eu desfaleço por esse dia! (...) O dia em que Eu te enviarei a toda a humanidade como um dom Meu. Também eles aprenderão a amar-me e Me compreenderão melhor. A Sabedoria partilhará as Suas riquezas com toda a humanidade”** (*Jesus, em O meu anjo Daniel, 25.1.1987, p. 142*).

Um estímulo para a fidelidade aos ensinamentos da Igreja

Ao ler os escritos de **“A Verdadeira Vida em Deus”**, aprendemos a manter-nos fiéis à Igreja. Eu digo às pessoas: **“mesmo que vos lancem para fora da igreja, vinde para a janela, mas não deixeis nunca a Igreja”**. Os escritos ensinam-nos a visitar o Santíssimo Sacramento e a estar com Jesus em adoração.

Ensinam-nos a praticar os sacramentos da Igreja e a observar a Tradição, a aprender a renúncia de si mesmo, a penitência, o jejum e a praticar muito especialmente, o Sacramento da Confissão. Levam-nos, a estar ansiosos por participar na Santa Missa, se possível, diariamente. Explicam-nos a importância da Eucaristia.

‘Por esta Comunhão, Eu santifico todos os que Me recebem, deificando -os, para que eles mesmos sejam a carne da Minha Carne, os ossos dos Meus Ossos. Partilhando-Me, a Mim que sou Divino, vós e Eu passamos a ser um só corpo, espiritualmente unido, passamos a ser familiares, porque Eu posso transformar-vos em deuses por participação; pela Minha Divindade, Eu Mesmo deifico os homens...’ (*Jesus, 16.10.2000 - XI vol., págs. 215-216*).

Actos: Casas de caridade, mantidas pelos leitores

Em 1997, depois de ter tido a graça de uma visão de nossa Santa Mãe, enquanto estava no exterior da Praça da Natividade, em Belém, eu ouvi-A dizer que o alimento espiritual não basta, mas que se deve pensar também nos pobres e alimentá-los. Então, imediatamente, quando anunciei isto aos nossos grupos de oração, muitos se sentiram espontaneamente levados a ajudar-me a abrir casas de caridade para alimentar os pobres. Estas casas são chamadas *‘Beth Myriam’*. Há uma em Bangladesh, quatro na Venezuela, três no Brasil, duas nas Filipinas, um orfanato no Kenya; uma outra *‘Beth Myriam’* vai abrir-se em breve no Porto Rico, uma na Índia, uma na Roménia e um orfanato na Ucrânia. Acrescento a esta presente carta um documento de informação (Anexo 2). Todo este trabalho se realiza em regime de voluntariado.

As *‘Beth Myriam’* funcionam apenas a partir de dons espontâneos. Todas são iniciativas locais, casas locais, sem nenhuma especial estrutura que as ligue umas às outras. São autônomas, e são justamente as pessoas dos grupos de oração que se ocupam delas e asseguram a tarefa, não apenas de servirem elas mesmas as refeições aos pobres, mas também de lhes assegurar os serviços médicos, assim como vestuário e educação dos filhos. Enfim, estas casas funcionam num contínuo espírito de oração e são sempre de natureza ecuménica.

‘Estabelece as Nossas Beth Myriam onde quer que possas. Ergue os oprimidos e ajuda o órfão. Protege-Me, defende-Me da valeta, abriga-Me e alimenta-Me. Descarrega-Me do Meu fardo e do Meu cansaço; apoia-Me e encoraja-Me. Tudo o que fazes ao menor de Meus irmãos, é a Mim que o fazes... Eu abençoo aqueles que sustentam a Minha vida. Possam eles manter-se virtuosos e sempre amorosos. Eu estou convosco’ (*Jesus, 22.4.2002*).

Apelo à evangelização

Alguns dos leitores de **‘A Verdadeira Vida em Deus’** que se sentiram tocados sentem simultaneamente que podem ser testemunhas, no mundo, para contribuírem também eles na expansão da Boa Nova. Tendo-se tornado dóceis instrumentos do Espírito Santo, que os provê da graça da palavra e do sentido da fé, são agora capazes de ir dar testemunho pelo mundo, convidando as pessoas a uma vida de oração e ensinando-lhes mesmo a formar grupos de oração. O fim é levar as pessoas a transformar a sua vida e a viver a sua própria vida como uma oração contínua. Algumas pessoas do grupo de oração de Dacca têm ido pelas aldeias (muçulmanas) e têm-lhes lido as mensagens. Muitos crêem e desejam tomar-se Cristãos.

‘Eu quero fazer de cada uma delas uma Tocha Viva da Fornalha do Amor. Honra -Me, agora, e evangeliza com amor pelo Amor’ (*27.1.1989*).

Devoção à Virgem Maria

“**A Verdadeira Vida em Deus**” leva a tornar-nos filhos da Mãe de Deus, porque o Seu Coração Imaculado jamais está separado do Sagrado Coração de Jesus, mas está em perfeita união com o Seu. A nossa Mãe é o nosso auxílio e nós sabemos-lo. Cada um dos que frequentam os grupos de oração, sejam Pentecostes, Calvinistas ou outros, são todos instruídos no sentido de honrar Nossa Senhora, os nossos santos, e a invocá-los.

“Não notaste como o Meu Coração firma e favorece sempre o Seu Coração? Como e possível que a este Coração que trouxe o vosso Rei venha a ser recusado seja o que for que Ele Me peça? Fiéis todos, bendizei o Seu Coração porque, bendizendo o Seu Coração, é a Mim que bendizeis...” (25.3.1996 - VIII vol., p. 153).

Associações “A Verdadeira Vida em Deus”

Se nalguns países existem Associações de “**A Verdadeira Vida em Deus**”, não é por razões jurídicas, relacionadas com o auxílio ou apoio a esta obra de evangelização e à publicação dos livros. Se fundámos essas Associações nalguns países, não foi senão para obedecer a leis locais. Por exemplo, a fim de poder abrir uma caixa postal sob o nome de “**A Verdadeira Vida em Deus**”. Mas eu jamais pensei em formar um movimento. A obra está traduzida em trinta e oito línguas e eu jamais recebi qualquer direito de autor, excepto das *Editions du Parvi*, porque o editor me disse que era regra da sua própria casa. Este dinheiro serve para obras de caridade, para cobrir as despesas na compra dos livros e para outras despesas de viagens, feitas para ir dar testemunho a países do *terceiro-mundo*, que não têm quaisquer meios de assegurar essas despesas.

Outras actividades

De dois em dois anos, pessoas dos grupos de oração sentiram-se levados, voluntariamente, a ajudar-me a pôr de pé um simposium internacional sobre o ecumenismo. É, ao mesmo tempo, para todos nós, uma oportunidade de fazer uma peregrinação. Até agora, realizámos já quatro destas reuniões. A mais vasta realizou-se no ano 2000, na Terra Santa (*no ano da presença do Santo Padre*), em que 450 pessoas vieram de 58 países diferentes. Estavam connosco 75 membros do clero de doze Igrejas diferentes. Em 2002, a reunião realizou-se no Egipto.

Em tudo isto, amo a Casa do Senhor e, acima de tudo, amo a Deus. Sou-Lhe devedora de todas as graças que me tem concedido. Uma vez, disse-me: **“Eu dei-te gratuitamente; então, dá também tu gratuitamente”**. Por isso, é o que eu tento fazer; transmito estas palavras a quem quer que as deseje escutar.

Agradeço-lhe de novo o ter-me permitido esclarecer as questões que possam ter provocado os meus escritos e as minhas actividades. O *site Internet www.tlig.org* poderá dar-lhe mais informações. Peço-lhe que se digne transmitir as minhas saudações a Sua Eminência o Cardeal Joseph Ratzinger, a Mons. Tarcísio Bertone e Mons. Gianfranco Girotti, assim como a Suas Excelências da Consulta da Congregação para a Doutrina da Fé, agradecendo-lhes de novo o ter-me concedido esta ocasião de explicar a minha obra. Espero que o tenha feito de forma esperada. Eu não estou senão desejosa de responder, de forma oral ou escrita, a todas as demais questões ou problemas que possam ter. E estou disposta a aceitar todas as sugestões que possam fazer-me, para esclarecer certas expressões contidas nos livros de “**A Verdadeira Vida em Deus**”. Se necessário, posso acrescentar tais esclarecimentos em novas edições dos meus livros.

E com isto, lhe envio os meus calorosos cumprimentos e os meus votos mais cordiais.

Sinceramente vossa, em Cristo

Vassula Rydén

Vassula Ryden

¹ Ouvi ao mesmo tempo “compreensão”

² A Santa Bíblia

³ Padre Marie-Eugène de l’E.-J., O.C.D., “*J e veux voir Dieti*” - Edições do Carmelo, 84210 Venasque, 1988, p. 741 (n.d.t.f.)

⁴ embora no nosso livro da Doutrina da Igreja ortodoxa, tomo I, publicado em 1977 por Mr. Trembelas, se possa ler na pág. 79 (da versão inglesa (n.d.t.f)): “*As revelações definem-se como um acto formulado por Deus pelo qual Ele Mesmo instrui as Suas criaturas racionais a respeito dos mistérios da Sua existência, da Sua natureza e da Sua vontade, segundo a sua capacidade intelectual limitada...*”

⁵ o Papa

⁶ Jo 21, 15-17

⁷ Jo 21, 15-17

⁸ *Ut unum sint* 61, ref. à Carta Apostólica ***Oriente Lumen*** (2 de Maio de 1995), 24

⁹ Ao mesmo tempo compreendi também: “Quanto teremos nós de sofrer antes!” O “nós” designa Jesus e o Papa João Paulo II.

¹⁰ Compreendi que Cristo Se refere a todas as Suas mensagens sobre a União, que nos convidam a todos a unificar as datas da Páscoa. À falta de melhor, isso satisfaria a Sua Sede de União. Cristo prometeu que, se nós uníssemos as datas da Páscoa, Ele Mesmo faria o resto.

¹¹ *Ut unum sint*, 58

¹² nome simbólico de Cristo

¹³ Santa Catarina de Sena, em *Dialogo della Divina Provvidenza*, n° 167. Esta passagem é citada pelo Breviário Romano, na segunda leitura de 29 de Abril (*Liturgia das Horas, II vol., Quaresma - Tempo Pascal* (n.d.t.f..))

¹⁴ Mons. Basile Krivochéine em *Dans la Lumière du Christ - Syméon le Nouveau Thélogien*, Edições de Chevetogue, 1980 (n.d.t.f.)

¹⁵ Em inglês “*the same*”(n.d.t.f.)

¹⁶ *Directorium Catecheticum Generale* 43.

¹⁷ *Directorium Catecheticum Generale* 47.